



# PESTES E EPIDEMIAS

ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES  
EM HUMANIDADES

Coordenadores: Joaquim Pinheiro | Samuel Mateus | Mario Franco

**lúmus**



# PESTES E EPIDEMIAS

ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES  
EM HUMANIDADES

Coordenadores: Joaquim Pinheiro | Samuel Mateus | Mario Franco



TÍTULO

Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades

COORDENAÇÃO

Joaquim Pinheiro, Samuel Mateus & Mario Franco

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL DOS COORDENADORES:

Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades

ASSISTENTES EDITORIAIS

Adriana Teixeira, Ana Carina Figueira e Cátia Gouveia

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2022

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN

978-989-755-754-5

DOI

<https://doi.org/10.34640/universidademadeira2022pinheiromateusfranco>

IMPRESSÃO

Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª edição: Maio de 2022

Depósito Legal:

498121/22

Nota de edição

Nos textos em Língua Portuguesa, os Coordenadores do Volume respeitaram a ortografia seguida pelos Autores.

Todos os textos que integram este Volume foram submetidos a arbitragem científica

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Adélio Fernando Abreu, Universidade Católica Portuguesa

Alda Portugal, Universidade da Madeira

Ana Isabel Buescu, Universidade Nova de Lisboa

Ana Isabel Moniz, Universidade da Madeira

Andréa Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Catarina Rodrigues, Universidade dos Açores

Cristina Santos Pinheiro, Universidade da Madeira

Daniel Tércio Guimarães, Universidade de Lisboa

Eunice Ribeiro, Universidade do Minho

Gianfranco Ferraro, Instituto de Filosofia da Nova

Gisela Gonçalves, Universidade da Beira Interior

Ivo Furtado, Universidade da Madeira

Joaquim Paulo Serra, Universidade da Beira Interior

José Manuel Sobral, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Luísa Maria Paolinelli, Universidade da Madeira

Maria Cristina Almeida e Cunha, Universidade do Porto

Maria Filomena Andrade, Universidade Aberta

Paulo Osório, Universidade da Beira Interior

Rodrigo Gomes, Universidade de Coimbra

Vera Amorim, Instituto Politécnico de Lisboa

# índice

- 9      Introdução  
Joaquim Pinheiro, Samuel Mateus, Mario Franco
- 13      Descrições da peste na historiografia bizantina dos séculos XIV e XV  
Rui Carlos Fonseca
- 27      A vulgarização do léxico da peste após a Peste Negra como testemunho  
de memória: o caso do Entre-Douro-e-Minho (Portugal)  
André Filipe Oliveira da Silva
- 49      Peste, castigo e misericórdia no Funchal quinhentista:  
São Tiago Menor, padroeiro e rogador a Deus pelo povo da cidade  
Nelson Veríssimo
- 61      “Evitar que o mal não padeça mais avante” – O Regimento da Saúde  
de D. João III e a experiência italiana de saúde pública  
Edite Martins Alberto, Joana Balsa de Pinho
- 77      A Portuguese Treatise on the Plague:  
João Curvo Semedo’s *Tratado da Peste*  
Gabriel A. F. Silva
- 91      Cólera e Carnaval em Porto Alegre (RS/Brasil)  
na segunda metade do século XIX  
Caroline P. Leal
- 107      Santos: porto do café e das epidemias -  
experiências, cotidiano e imigração  
Maria Izilda Santos de Matos, Bruno Bortoloto do Carmo
- 125      “Subsistências”: Carências e açambarcamentos alimentares durante  
a pneumónica de 1918 sob o olhar de um periódico local  
Guida Cândido
- 139      Les récits de la peste comme mode de connaissance,  
de mémoire et d’identification  
Chantal Louchet
- 155      Um Diário convertido em crónicas e um Jornal em forma de romance:  
as narrativas de pestilências de Daniel Defoe (1722) e Gonçalo M.  
Tavares (2020)  
Ana Isabel Correia Martins

- 171 Paisagens pandêmicas na literatura:  
não-fruição da paisagem sob estado sanitário de exceção  
Fabiano Dalla Bona, Carolina de Castro Wanderley
- 179 O Fenómeno Semiológico das Máscaras em Contexto Pandêmico  
Sara Inês Rodrigues Gaspar, Eduardo José Marcos Camilo, Rafaela Norogrande
- 195 As “Bexigas Negras” e os Museus Históricos  
Rosa Henriques de Gouveia, Teresa Ferreira, Lina Carvalho, Carlos Robalo Cordeiro
- 203 Pessoas e organizações no quotidiano pandêmico:  
uma construção social da realidade?  
Pedro Eduardo Oliveira Ribeiro
- 219 O paradigma da peste: Índices de ruptura em situações de calamidade  
Rodrigo Barros Gewehr
- 237 O *Ethos* patético e as campanhas de publicidade  
“Thank you” durante a pandemia de SARS-COV-2  
Samuel Mateus

« Tout le monde sait que les pestes ont une façon de se reproduire dans le monde, mais d'une manière ou d'une autre, nous avons du mal à croire en celles qui nous tombent sur la tête à cause d'un ciel bleu. Il y a eu autant de fléaux que de guerres dans l'histoire, mais toujours des fléaux et les guerres prennent les gens également par surprise ».

Albert Camus, *La Peste*

# As “Bexigas Negras” e os Museus Históricos

ROSA HENRIQUES DE GOUVEIA\*

TERESA FERREIRA\*\*

LINA CARVALHO\*\*\*

CARLOS ROBALO CORDEIRO\*\*\*\*

## Resumo

As “Bexigas Negras” ou Varíola constituíram um flagelo para a Humanidade durante milénios. Apesar da sua erradicação, há o perigo de ressurgimento da doença. Os Museus Históricos, nomeadamente de Anatomia Patológica, prestam um contributo actual, através dos modelos de cera (construídos manualmente por artesãos ceroplásticos de renome) e dos espécimes nosológicos humanos, obtidos cirurgicamente ou colhidos de autópsias e preservados em meio líquido. Ambos permitem o ensino da morfologia – tridimensional – das lesões cutâneas desta peste e nos últimos, podem, ainda, ser realizados estudos moleculares, que ampliam os conhecimentos sobre as alterações genéticas virais. Para além de acolherem obras artístico-culturais testemunhos do passado das pestilências, estes Museus Históricos contribuem para melhorar o conhecimento científico das novas gerações médicas, mantendo também viva a memória sobre a importância das boas práticas preventivas na interrupção da transmissibilidade das doenças e diminuindo o risco de ocorrência de novos surtos epidémicos.

**Palavras-chave:** Bexigas Negras, Varíola, Museu Histórico, Anatomia Patológica.

---

\* Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, Hospital de Santa Cruz, Universidade da Madeira  
rhgouveia@mail.telepac.pt

\*\* Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra  
teresa.ferreira@fmuc.uc.pt

\*\*\* Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, CHUC  
lcarvalho@chuc.min-saude.pt

\*\*\*\* Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, CHUC  
crcordeiro@fmed.uc.pt

### Abstract

For millennia, Smallpox or Variola has been a health scourge for Humankind. Despite being eradicated, it might make a comeback. Historical Museums, namely of Pathological Anatomy provide an up-to-date contribution, through wax models (hand-made by renowned ceroplastic craftsmen) and human nosological specimens, obtained during surgery or autopsy and preserved in liquid-fixative. Both are used to teach the cutaneous lesions' morphology, in three-dimensions. The later specimens also allow the carrying out of molecular studies, which broaden the knowledge about Variola-virus genetic alterations. This kind of Historical Museums not only house priceless artistic-cultural testimonies of the plagues' past, but also prepare young medical generations for eventual new epidemic-outbreaks.

**Keywords:** Smallpox, Variola, Historical Museum, Pathology.

A Variola, essa peste, também denominada de “Bexigas Negras”, simplesmente “Bexigas” (Dicionário de Língua Portuguesa, 2014) ou “Bostelas” (David de Moraes, 2012), ceifou milhões de vidas e desfigurou outros tantos corpos ao longo dos séculos.

A origem perde-se na memória dos tempos, havendo referência da sua existência pelo ano 1157 a.C. no Egito, na múmia do faraó Ramsés V e, ao longo dos anos, a sua dispersão é relatada em todos os recantos do mapa-mundo de então (Behbehani, 1983). Em Portugal, a primeira notícia tida como fiável data de 1423 em Coimbra (David de Moraes, 2012).

A *Praga dos Hititas* (em 1346 a.C., com origem no Egito) e a *Peste da Guerra dos Elefantes* (568 d.C., durante o cerco etíope a Meca) estão integradas nas grandes epidemias atribuídas à variola (Toledo Jr, 2005).

Dentre os ilustres que pereceram às mãos das “Bexigas Negras” mencionar-se-ão o Imperador José I da Alemanha, o Rei Luís XV da França, o Czar Pedro II da Rússia (David de Moraes, 2012). Até porque a história de nações teve de ser reescrita, nomeadamente pela perda de sucessão, como aconteceu com a morte da Rainha Mary de Inglaterra em 1694, seguida da do seu filho e único herdeiro ao trono – o Duque de Gloucestershire – seis anos depois (Eyler, 2003).

Doença infecciosa, de elevada transmissibilidade, é causada pelo vírus da Variola (*VARV*), que pertence ao género *Orthopoxvirus* (*OPV*) da família *Poxviridae* (Meyer et al., 2020). Transmite-se, sobretudo, por via aérea (espirro, saliva, escarro, aerossol de pequenas partículas) (Weiss et al., 2004), o que configura importante problema de Saúde Pública; havendo, contudo, referência a outras formas de contágio, tais como por via uterina materno-fetal (Ferrari et al., 2020), bem como por manuseio de objectos com partículas virais (Breman & Henderson, 2002). Trata-se de um vírus com dupla hélice de DNA (Breman & Henderson, 2002). A infecção desenvolve-se com uma fase inicial de latência, seguindo-se a fase prodrómica e depois aquela com as manifestações

clássicas (Breman & Henderson, 2002), nomeadamente as cutâneas – responsáveis pela designação de “Bexigas Negras”, “Bexigas” ou “Bostelas” (Dicionário de Língua Portuguesa, 2014; David de Moraes, 2012). De erupção macular passam a pápulas, a vesículas e a pústulas com umbilicação central e, depois, a crostas. Apresentam evolução globalmente uniforme, com aspecto idêntico e a sua distribuição é centrífuga (Breman & Henderson, 2002). A sobreinfecção das lesões cutâneas constitui importante complicação (Breman & Henderson, 2002). Múltiplos são os órgãos que podem estar envolvidos, condicionando falência orgânica isolada ou sistémica e, frequentemente, morte (Breman & Henderson, 2002). Quando esta não ocorre, as sequelas internas podem ser de gravidade elevada e as externas, cutâneas, desfiguráveis e mutilantes.

Dependendo das classificações, tem-se preferencialmente dividido a Varíola em *V. minor* e *V. major*, esta última letal. Em 1988, a Organização Mundial de Saúde (OMS) propôs uma classificação com cinco tipos, que incluem as anteriores (Breman & Henderson, 2002).

Na tentativa de prevenir este mal, que dizimava populações inteiras e entes queridos, percorreu-se o caminho até à *Variolação* – introdução na pele de indivíduos sãos, por escarificação, de líquido extraído de uma lesão cutânea de indivíduo infectado – procedimento com possível origem oriental, promovido no século XVIII em Inglaterra pela esposa do embaixador inglês em Instambul, *Lady Mary Montagu*, mas também dos médicos gregos *Emanuele Timoni* e *Jacob Pylarini*, na tentativa de proteger as pessoas contra a doença. O resultado era incerto, com casos de sucesso e outros cujo desfecho era fatal (Behbehani, 1983; Toledo Jr, 2005). Por fim, fruto das observações e experiências do médico inglês Dr. *Edward Jenner*, atingiu-se, em 1796, a *Vacinação* – que consistia na inoculação em pessoas saudáveis de pús de lesões bovinas idênticas às humanas e resultantes da infecção animal por vírus da família do *VARV*. Esta inoculação visava promover reacção imunitária protectora contra a acção da variante viral humana aquando de um surto (Behbehani, 1983; Toledo Jr, 2005). A aplicação maciça da mesma, culminou na erradicação da doença a nível mundial, em 1980 (Théves et al., 2014).

E assim, a lembrança e o temor dos surtos epidémicos de varíola começaram a esfumar-se na memória da humanidade; contudo, o perigo de novas vagas epidémicas está presente.

As principais razões subjacentes apontadas congregam ((Théves et al., 2014; Shchelkunov, 2011; Morens et al., 2020):

- 1- Baixa de imunidade individual e de grupo, uma vez que a vacina já não é obrigatória, tendo sido retirada dos programas nacionais de vacinação;

- 2- Transmissão zoonótica (isto é, do animal ao homem) de vírus da família do da Varíola, nomeadamente de bovinos, macaco, camelo, rato. Na base desta possível transmissão

estão factores profissionais (trabalho em zonas rurais), desflorestação, coabitação com animais de estimação exóticos, globalização, entre outros;

3- Preparação em laboratório de estirpes virais patogénicas, que por acidente ou em contexto de bioterrorismo podem tornar-se uma ameaça epidémica / pandémica.

Face à ameaça permanente de novos surtos e da sua morbi-mortalidade, sem terapêutica eficaz, a necessidade de prevenção foi enfatizada. As medidas adoptadas englobavam, inicialmente, as de aplicação básica e universal como a higienização, o uso de máscara e a distância física adequada (Weiss et al., 2004). Acresce, ainda, a possível toma profilática de fármacos anti-virais (Weiss et al., 2004).

É este perigo, esta incerteza na evolução epidemiológica e/ou criminosa da infecção variólica, que traz à luz da ribalta o contributo actual e real dos Museus Históricos, nomeadamente de Anatomia Patológica.

As suas funções ultrapassam largamente a já importante conservação do património artístico-cultural. Catapultam para a “arte” na prevenção das doenças, da investigação científica e do ensino médicos.

De que forma?

Depende do tipo de peças museológicas. São livros? Fotografias? Pinturas ou desenhos? Esculturas ou outros modelos? São espécimens biológicos mantidos em meios de preservação?

Apresentamos dois contributos complementares.

O primeiro reporta a realização de estudos médicos e investigação científica em espécimens biológicos preservados em meio líquido.

Dois dos exemplares pertenciam ao acervo histórico do *Czech National Museum* (Praga) (Pajer et al., 2017) e um ao *Hunterian Museum* do *Royal College of Surgeons of England* (Londres) (Ferrari et al., 2020).

Os da República Checa compreendiam retalho de pele (1) e segmentos de membro superior e inferior (2), ambos em contentores de vidro, imersos em fixador líquido de natureza desconhecida e apresentando lesões cutâneas macroscópicas sugestivas de Varíola. Abertos os contentores, foram colhidos fragmentos para preparação anátomo-patológica de rotina e avaliação em microscópica óptica, que corroborou o padrão histológico das lesões. Mais ainda, foi colhido material para microscopia electrónica, que revelou a presença de partículas virais e confirmou serem típicas de *Orthopoxvirus*. Por fim, os estudos moleculares realizados permitiram a caracterização genómica do vírus, bem como avaliar a sua ancestralidade e a origem geográfica (Pajer et al., 2017).

O de Inglaterra correspondia a perna de lactente fixado em etanol e incluído em parafina e apresentava lesões macroscópicas de Varíola, suspeita de contaminação intra-uterina. As amostras colhidas permitiram reconstruir o genoma de vírus da varíola humano, datando do século XVIII, bem como proceder a estudos filogenéticos (Ferrari et al., 2020).

A morfologia observada é importante no reconhecimento e memorização das lesões cutâneas e o seu diagnóstico diferencial com outras lesões eruptivas e pustulosas.

Os estudos moleculares são cruciais para avaliar a origem, as características e alterações genéticas e sua relação com a virulência, bem como a evolução de vírus antigos. Permite comparar com os dados dos vírus da mesma família que actualmente infectam animais e podem constituir fonte eminente de zoonoses e recrudescimento da Varíola.

O segundo reporta o contributo de modelos de cera no ensino médico.

A arte da ceroplastia, *moulage* ou manufactura de modelos de cera para o ensino médico ganha importância a partir dos séculos XVII e XVIII, em Itália, depois na França e rapidamente em toda a Europa erudita (Poiares Baptista et al., 2008).

Portugal não foi excepção!

No século XIX, a partir de 1864, foram obtidos de Paris, modelos de cera para o *Museu de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de Coimbra* (Poiares Baptista et al., 2008). O Museu, desde 2013 Património Mundial da UNESCO, deu os primeiros passos em 1822 pela mão do brasileiro Dr. *Carlos José Pinheiro*, demonstrador de Anatomia Normal, organizador do Teatro Anatómico e do Museu de Patologia (Rodrigues, 1992). Em 1861, é alvo de incremento pela acção do Prof. Doutor *Francisco António Alves*, primeiro Director e regente do Gabinete de Anatomia Patológica (Rodrigues, 1992).

Os modeladores eram *Vasseur* e *Jules Baretta* (Poiares Baptista et al., 2008), concomitantemente artistas e artesãos, que acompanhavam os médicos – quer nas visitas clínicas às enfermarias, quer nas cirurgias, nos Laboratórios e nas autópsias. Observavam as lesões e posteriormente reproduziam-nas; ou tiravam molde noutra material e depois, já no atelier, produziam as peças de cera, que posteriormente eram pintadas.

O segredo dos materiais e da manufactura permanece desconhecido.

*Vasseur* assina na cera. *Baretta* assina no suporte de madeira, onde a peça está colocada (Poiares Baptista et al., 2008).

Dos 196 modelos de cera que actualmente existem no Museu, 161 são de patologia cutânea e, destes, 2 representam as lesões cutâneas das vítimas de Varíola e ambos são da autoria de *Vasseur* (Imagens 1 a 4).

Estes modelos representam as estruturas anatómicas e as lesões a três-dimensões, em tamanho real e até ao ínfimo detalhe. São estas características que, então, os tornavam preciosos e imprescindíveis, pois permitiam estudar, memorizar, rever as patologias, numa época em que os estudantes não tinham computadores. São essas características que, hoje, apesar de todos os recursos informáticos, os tornam intemporais, sobretudo na representação de doenças já desaparecidas.

Concluimos com a certeza de que, para além de acolherem obras artístico-culturais testemunhos do passado das pestilências, estes Museus Históricos têm o potencial para contribuir na preparação científica das novas gerações médicas para a ocorrência de eventuais novos surtos epidémicos.

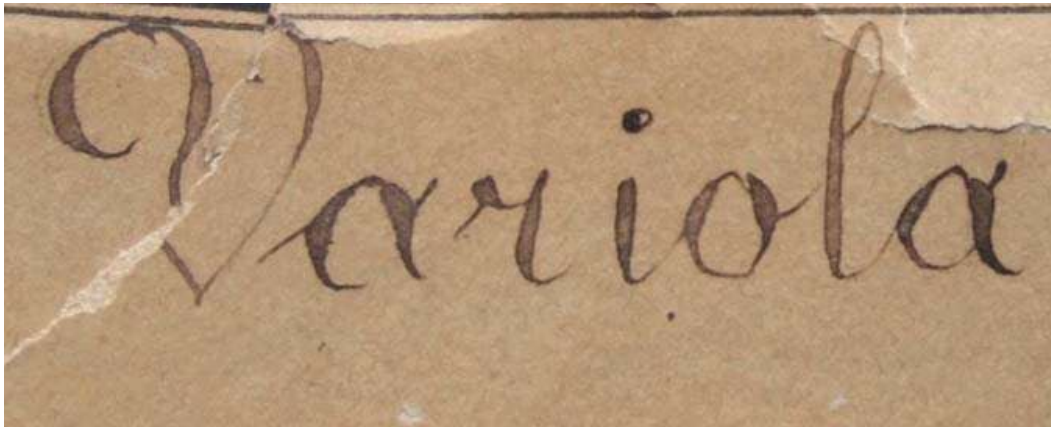
**Legendas das Imagens:**

Imagem 1 – Rótulo de modelo de cera, escrito em Português  
(Museu de Anatomia Patológica, IAP-PM, FMUC)



Imagem 2 – Modelo de cera do século XIX, representando a Variola  
(Museu de Anatomia Patológica, IAP-PM, FMUC)



Imagem 3 – Peça ceroplástica do século XIX, elaborada e assinada por Vasseur, ilustrando as lesões cutâneas da Variola (Museu de Anatomia Patológica, IAP-PM, FMUC)



Imagem 4 – Detalhe da imagem anterior, em que é evidente a umbilicação central das lesões cutâneas (Museu de Anatomia Patológica, IAP-PM, FMUC)

## Bibliografia

- Behbehani, A. M. (1983). The Smallpox Story: Life and Death of an Old Disease. *Microbiol. Rev.* 47 (4), pp. 455-509.
- Breman, J., & Henderson, D. A. (2002). Diagnosis and Management of Smallpox. *N Engl J Med* 346, pp. 1300-1308.
- David de Moraes, J. A. (2012). Surtos epidêmicos ocorridos em Portugal na primeira metade do século XX: abordagem histórico-epidemiológica. II – Variola. *Historia da Medicina – Medicina Interna* 19 (1), pp. 43-50.
- Dicionário de Língua Portuguesa (2014). Porto Editora.
- Eyler, J. M. (2003). Smallpox in history: The birth, death, and impact of a dread disease. *J Lab Clin Med* 142, pp. 216-220.
- Ferrari, G., Neukamm, J., Baalsrud, H. T., Breidenstein, A. M., Ravinet, M., Phillips C., Ruhli, F., Bwouwman, A., & Schuenemann, V. J. (2020). Variola virus genome sequenced from an eighteenth-century museum specimen supports the recent origin of smallpox. *Trans. R. Soc. B* pp. 375, 1-9.
- Meyer, H., Ehmann, R., & Smith, G. L. (2020). Smallpox in the Post-Eradication Era. *Viruses* 12, 138, pp. 1-11.
- Morens, D. M., Daszak, P., Markel, H., & Taubenberger, J. K. (2020). Pandemic Covid-19 Joins History's Pandemic Legion. *MBio.ASM.ORG* 11 (3), pp. 1-9.
- Pajer, P., Dresler, J., Kabickova, H., Pisa, L., Aganov, P., Fucik, K., Elleder, D., Hron, T., Kuzelka, V., Veleminsky, P., Klimentova, J., Fucikova, A., Pejchal, J., Hrabakova, R., Vladimír, B., Rausch, T., Dunder, P., Pilin, A., Cabala, R., Hubalek, M., Stribrny J., Antwerpen, M. H., & Meyer, H. (2017). Characterization of Two Historic Smallpox Specimens from a Czech Museum. *Viruses* 9, 200, pp. 1-14.
- Poiars Baptista, A., Rasteiro, A., & Mendes, M. G. (2008). Figuras de Cera de Doenças Cutâneas na Faculdade de Medicina de Coimbra. *Trab Soc Port Dermatol Venereol* 66 (2), pp. 177-183.
- Rodrigues, M. A. (1992). *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis 1772-1937*. Arquivo da Universidade de Coimbra.
- Shchelkunov, S. N. (2011). Emergence and reemergence of smallpox: The need for development of a new generation smallpox vaccine. *Vaccine* 29, D49-D53.
- Théves, C., Biagini, P., & Crubézy, E. (2014). The rediscovery of smallpox. *Clin Microbiol Infect* 20, pp. 210-218.
- Toledo Jr., A. C. (2005). História da Variola. *Rev. Med. Minas Gerais* 15 (1), pp. 58-65.
- Weiss, M. M., Weiss, P. D., Mathisen G., & Guze, P. (2004). Rethinking Smallpox. *CID* 39, pp. 1668-1673.

*Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades* reúne dezasseis estudos que, sobre distintas épocas, analisam a capacidade de reagir, resistir e superar as diversas enfermidades que acompanham o desenvolvimento das sociedades humanas. Além do contributo para o conhecimento da influência de pestes e epidemias na cultura e na sociedade, os estudos coligidos neste Volume permitem uma reflexão interdisciplinar do entendimento humano acerca das causas e consequências desses surtos. Nos vários domínios das Humanidades, das narrativas às criações mais artísticas, há, de facto, um imenso legado cultural que importa continuar a estudar.

